

## **CONCURSO INATEL NOVOS TEXTOS – 1998**

### **JÚRI**

Carlos Porto – Crítico de Teatro  
Fernando Dacosta – Dramaturgo  
Norberto Barroca – Encenador  
José Carlos Alvarez – Museu do Teatro  
Fernando Augusto - INATEL

### **Prémio Teatro em Um Acto**

“O Ensaio do Fim” (jeu de massacre em cinco quadros)  
Raul Malaquias Marques

### **Personagens:**

Alberto  
Mariana  
Augusto  
O Adolescente  
A Adolescente

### **Biografia**

Nasci na Praia da Vieira em 1947. Estudei, sem nunca lhe prestar muita atenção, Economia. Ficámos, eu e ela, pelo caminho. Já então preferia Faulkner a Keynes. Vários projectos anulados depois, estive na guerra em África. Cito e faço meus os versos do nunca por demais lembrado Fernando Assis Pacheco: " (...) Dizem que a guerra passa: esta minha passou-me para os ossos e não sai" (in Catalabanza Quilolo e vollta). Sou jornalista.  
É outra guerra.

### **Sinopse**

Mariana, Alberto e Augusto, dois actores e um encenador de um grupo de teatro que se prepara para repor o seu único grande êxito, vinte anos depois, confrontam-se pelo descontentamento e frustração gerados por todo esse tempo de actividade teatral medíocre sem outras vitórias conseguidas. Augusto pretende abandonar o grupo, Mariana pretende abandoná-lo com ele, e tanto motivos pessoais como a intervenção de dois jovens foragidos que fazem deles seus reféns, revelarão as verdadeiras consequências de uma esterilidade artística prolongada, a morte do grupo.

### **Excerto**

#### **Augusto**

De qualquer modo, sempre te digo. Isto... foi uma asneira.

**Alberto**

Não estou a perceber.

**Augusto**

*(Abanando a cabeça.)*

O problema é *(Sublinhando «também»)* também esse: tu não entendes. Eu explico: não devíamos pôr isto em cena.

**Alberto.**

Não? A ideia foi tua.

**Augusto**

Não foi só minha.

**Alberto**

*(Levantando-se. Tom paródico mas voz cansada.)*

Senhoras e Senhores, a mesma peça, revista e aumentada, ou melhor, uma nova peça com os mesmos actores, o mesmo encenador, todos felizmente vivos vinte anos depois, como os Três Mosqueteiros, um acontecimento raro, invulgar, se não mesmo único, no nosso teatro.

(...)

**Alberto**

Queres repetir a *(«glória» dito em tom de exaltação irónica)* glória de há vinte anos. *Gloria in excelsis Augustus.* *(Abanando a cabeça.)* Só mesmo tu para acreditar nisso.

**Augusto**

A ti, a glória, nada diz, naturalmente.

**Alberto**

Nada.

**Augusto**

Claro. E, como não te diz nada, que outros lutem por ela... ofende-te. *(Alberto abana a cabeça.)* Ofende-te sim. Porque nunca a provaste. Não sabes, nem hás-de saber nunca, o que isso é. E sabes porquê? Faltam-te asas, menino. *(Movimento de braços a imitar asas.)*

**Alberto**

Não preciso delas.

**Augusto**

Sabes que mais? Esta conversa é uma perda de tempo. Há vinte anos que é uma perda de tempo. Vinte anos e não entendes. Nunca entendeste nada... Tu e ela. Cegos. Completamente.

## Grande Prémio

“O Testamento do Rei D. João Segundo”

Manuel Córrego

## Personagens:

D. João Segundo, rei de Portugal  
D. Leonor, rainha, sua mulher  
D. Beatriz, marquesa de Montemor, mãe de D. Leonor.  
D. Afonso, príncipe herdeiro  
D. Isabel, princesa das Astúrias, sua mulher  
D. Antão de Faria, conselheiro do rei  
D. Jorge, filho bastardo de D. João  
D. Ana de Mendonça, mãe de D. Jorge  
O Personagem  
D. Manuel, duque de Beja, futuro rei de Portugal  
D. Diogo, duque de Viseu  
D. João da Paz, judeu, médico do rei  
Garcia de Resende, Moço de Escrivania de D. João  
O Peregrino  
O Criado  
Fidalgos, Cortesãos  
Camponeses, criados do séquito do rei  
Um Conjunto de Metais

## Biografia

Manuel Córrego é natural da Vila de Cucujães, onde desenvolveu o gosto pelo teatro. Fez parte do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra. Colaborou na fundação do Teatro Experimental de Malange, assim como do Núcleo Amador de Teatro de S. João da Madeira. Nesta cidade, onde reside, dedicou-se à encenação e à criação dramática. É director do semanário “O Regional”. No campo do teatro foi distinguido com os seguintes prémios: **Um Gira-discos na Floresta**, Grande Prémio de Teatro Inatel, 1991 e Prémio Eça de Queirós, 1992. **O Testamento do Rei D. João Segundo**, Grande Prémio de Teatro Inatel, 1998. **O Casamento do Rei D. Manuel Primeiro**, Grande Prémio de Teatro Inatel, 2003. Estreou-se na ficção com o romance **Campo de Feno com Papoilas**, Prémio Ler/Círculos de Leitores, 1998, também publicado com a chancela da editora Campo das Letras. Nesta editora publicou colectânea de contos **Diz-me a quem amar e serei salvo**, 2002, participou na colectânea colectiva **Dez Livros com Livros Dentro**, 2004, e o romance queirosiano **Cem Anos sem uma Valsa**, 2006.

**Do autor:**

**Ficção:**

**Campo de Feno com Papoilas**, Romance

*Prémio Ler, Fundação do Círculo de Leitores, 1998*

*Campo das Letras, 2000*

**Diz-me a Quem Amar e Serei Salvo**, contos – Campo das Letras, 2001

**Três horas e um Quarto**, camiliana, in **Dez Contos com Livros Dentro**,  
Campo das Letras, 2004

**Cem Anos sem uma Valsa**, romance queirosiano, 2006

**Teatro**

**O Tinteiro de Ferro**, Camiliana

*Menção do Prémio Garrett, 1990*

**Um Gira-Discos na Floresta**,

*Grande Prémio de Teatro Inatel, 1991*

*Prémio Eça de Queirós, 1992*

**A Revolução em Directo**, Dois actores e doze personagens,  
**Um Milhão de Perguntas**, Romancelho em dois actos, 1996

**Um Nó na Cauda**, Parábola em dois actos,  
**Chuva de Verão**, Sainete em dois actos, 1997

**O Testamento do Rei D. João Segundo**

*Grande Prémio de Teatro Inatel, 1998*

**Trilogia Queirosiana**, 1999

**O Ditador**,  
**Sobre um Tema de Rachmaninov**, 2002

**Nem putas nem ladrões**, fábula da vida real, 2003

**O Casamento de D. Manuel Primeiro**

*Grande Prémio de Teatro Inatel, 2004*

**Um Desenho na Face** – Pavana sobre o esquecimento,  
**Anilde** – Da pavorosa inutilidade da guerra, 2001, 2004

**Notas críticas:**

**Campo de Feno com Papoilas**

Romance de grande fôlego, uma obra digna de ser lida com os olhos muito abertos e o coração alerta. Uma escrita imaginativa e burilada até à perfeição.

***Diário de Notícias (DNa).***

Uma obra magnífica, que ficará a marcar o ano de 98.

***Francisco José Viegas (Acontece).***

No deslumbrante Campo de Feno com Papoilas, já Manuel Córrego tinha dado a Sophia o Nobel. A premonição valeu para o Prémio Camões.

***José Manuel Bastos .***

**Diz-me a quem Amar e serei Salvo**

Jóias preciosas. Tanto mais belas quanto falam da vida do povo. Contas do rosário de que é feita a vida.

***Ricardo Stockler***

**O Testamento do Rei D. João Segundo**

É justo salientar as evidentes características teatrais do diálogo que ajudam a tornar verosímeis as personagens em cena e as situações por elas apresentadas.

***Carlos Porto (Vértice).***

Um texto histórico de grande fluência, fazendo navegar pelas espumas de paixões encobertas, mediante um diálogo de grande brilhantismo.

***Jorge Listopad (Jornal de Letras).***

**Chuva de Verão**

Humor, ironia, boa construção, agilidade do diálogo, boa definição dos personagens, e uma certa ternura pela fragilidade humana.

***Fernando Midões (DNa).***

**O Tinteiro de Ferro**

Uma Camiliana cultíssima, surpreendente.

***Manuel João Gomes ( Público).***

**Excerto**

**Câmara da Rainha, na Alcáçova**

*O rei, em camisa de dormir, está sentado na borda do leito. A rainha levanta-se e ambos ajoelham a rezar para que o acto seja abençoado com um filho. A devoção da rainha contrasta com uma certa distracção do rei.*

**D. Leonor** - Estás impaciente. Que se passa?

**D. João** - Impaciente? Eu? Deve ser dos teus olhos. Não será antes o contrário?

**D. Leonor** - O meu confessor diz que não obtemos a graça de um filho porque não temos fé suficiente.

**D. João** - A mim disseram-me que em vez de te levatares a correr, melhor farias em ficar deitada.

**D. Leonor** - Mas temos de cumprir a promessa.

**D. João** - Quando foi da tua filha, se tivesses ficado deitada talvez a não tivéssemos perdido.

**D. Leonor** - Lanças-me à cara o maior desgosto da minha vida?

**D. João** - Não lanço nada à cara de ninguém. Apenas repito o que diz a ciência.

**D. Leonor** - A ciência de quem? A ciência dos hereges?

**D. João** - Não sei o que se passa contigo. Ultimamente não fazes outra coisa senão discutir.

**D. Leonor** - Não fazemos outra coisa senão discutir.

**D. João** - Sabes bem que faço o possível e o impossível para não te incomodar.

**D. Leonor** - Guardando-me à distância. Se estou em Sintra tu estás em Santarém. Se estou em Santarém tu estás em Setúbal. Se estou em Setúbal...

**D. João** - Toda a vida assim foi. E não por vontade minha.

**D. Leonor** - Houve tempo em que não passavas sem mim. Em que constantemente me procuravas.

**D. João** - Houve tempo em que Adão e Eva viveram felizes no paraíso.

**D. Leonor** - Podes enganar toda a gente mas a mim não me enganas.

**D. João** - Leonor, senta-te aqui um pouco ao pé de mim.

**D. Leonor** - Conheço de cor as tuas maquinações.

**D. João** - Senta-te um pouco.

**D. Leonor** - As tuas sórdidas conspirações contra a minha família e contra mim.

**D. João** - Fala baixo, que te podem ouvir.

**D. Leonor** - E depois? Que é que tu julgas? Estão fartos de saber, todos eles, fartíssimos de saber o marido bondoso que tu és.

**D. João** - Acalma-te. Tudo se pode resolver.

**D. Leonor** - Nunca!

**D. João** - Tudo é possível. Lembras-te como consegui com Castela a partilha do mundo ficando com a melhor parte sem que a rata sábia da tua prima se tenha apercebido?

**D. Leonor** - Sonhas com o Brasil mas o Brasil não existe.

**D. João** - Existe, existe. Só falta lá chegar.

**D. Leonor** - Enganaste a beata da Isabel. Enganaste o vaidoso do Cristóvão Colombo. Enganaste muita gente, mas a mim não enganas.

**D. João** - Moderai-vos, senhora! Sois a rainha. Vede o espectáculo que damos à corte.

**D. Leonor** - Desde quando te preocupas com a corte?

**D. João** - O espectáculo que damos ao povo.

**D. Leonor** - Só falas no povo quando te convém.

**D. João** - A vós, o que vos convém?

**D. Leonor** - Convém-me que esse bastardo nunca será rei de Portugal.

**D. João** - É meu filho.

**D. Leonor** - É um bastardo!

**D. João** - É meu filho e nós não temos filhos.

**D. Leonor** - É um bastardo e basta!

**D. João** - O vosso avô era bastardo e fundou a casa de Bragança. O meu avô era bastardo e fundou a dinastia.

**D. Leonor** - Conheço a história. E conheço as leis do meu país.

**D. João** - Neste país quem faz as leis sou eu.

**D. Leonor** - A lei da sucessão?

**D. João** - Dai-me então um filho legítimo, senhora!

**D. Leonor** - Sabeis ferir quando quereis.

**D. João** - Perdoa, Leonor! Deus é testemunha de que não te quero ferir.

**D. Leonor** - Há anos que não fazeis outra coisa.

**D. João** - Escutai! (*Logo se modera, no esforço de resolver a questão.*) Escuta, Leonor. Sabes que não podes oferecer-me um herdeiro legítimo.

**D. Leonor** - O herdeiro legítimo é o meu irmão, D. Manuel.

**D. João** - Tens ou não tens consciência de que já não é possível um filho?

**D. Leonor** - Como é que não é possível? Ainda agora nos deitámos juntos. Ainda agora nos ajoelhámos a rezar.

**D. João** - Há quantos anos andamos nisto?

**D. Leonor** - Deixai-me, senhor. Quero ficar só.

**D. João** - Eu compreendo o teu sacrifício. Eu respeito a tua... Era tudo tão belo, no princípio! Tudo tão fácil, tão simples!

**D. Leonor** - Éramos duas crianças. Tu ias conquistar o mundo e reparti-lo comigo.

**D. João** - Eu conquistei o mundo!

**D. Leonor** - Mas não o repartiste com ninguém.

**D. João** - Foste tu que não quiseste a tua parte.

**D. Leonor** - Pode ter sido, sei lá. Talvez o mundo não se possa repartir. Talvez tu não estejas satisfeito e queiras sempre mais. Talvez o que há de terrível no mundo seja isso: as pessoas querem sempre mais, mais, mais, mais!

**D. João** - Toda a minha ambição não é para mim.

**D. Leonor** - Como éramos felizes quando não tínhamos nada. Como foram felizes a tia Filipa que nunca quis nada...

**D. João** - Eu adorava a tia Filipa!

**D. Leonor** - A tua irmã Joana...

**D. João** - Joana foi uma santa!

**D. Leonor** - Coitada, morreu numa cela de convento em que nada mais havia além de uma cama e uma infusa de água! Como fomos felizes quando não tínhamos nada! Quando o teu pai te quis entregar o trono e tu recusaste! Quando os filhos aconteciam naturalmente, sem ninguém nos exigir ou nos deitar à cara! Sem esta maldição terrível de ter que ter um filho para evitar uma guerra.

**D. João** - Leonor!

**D. Leonor** - Deixa-me, João.

**D. João** – Há quantos anos não me chamas assim! Chego a julgar que não tenho nome – ninguém me chama João!

**D. Leonor** - Deixa-me. Sei bem o actor que tu és. Ainda acabas por chorar comigo. Lágrimas sinceras, eu a vê-las correr e a ficar comovida. Mas só para obteres o que pretendes. Tu nunca desistes.

**D. João** - É tão pouco o que peço!

**D. Leonor** - Eu não dizia que te punhas a chorar?

**D. João** - Não quero que este encontro seja uma despedida. Diz-me ao menos que vais pensar.

**D. Leonor** - Já disse que te conheço bem. Não me comoves.

**D. João** - Estás fora de ti, Leonor.

**D. Leonor** - Bem vos vi a chorar quando mandastes matar o Duque de Bragança.

**D. João** - O Duque de Bragança teve um julgamento justo e imparcial.

**D. Leonor** - Bem vos vi lavado em lágrimas quando mataste o meu irmão.

**D. João** - O duque de Viseu era um traidor.

**D. Leonor** - “Ou vos calais ou faço-vos conivente de alta traição.” Dissestes-me isso na cara. A mim!

**D. João** - Vós, Vós, Vós! Depois de todos estes anos!

**D. Leonor** - Apunhalastes o meu irmão e quereis que eu o esqueça?

**D. João** - Perdoei-lhe uma, dez, vinte vezes. Chamei-o e falei-lhe com o coração, pedi-lhe de joelhos que fosse meu amigo. Ele tomou isso como cobardia e voltou a atentar contra a minha vida. Contra a vida do seu rei!

**D. Leonor** - Era louco. Era estouvado. Mas era meu irmão.

**D. João** - Ficastes todo este tempo comigo... estivestes todo este tempo a meu lado para executar uma vingança?

**D. Leonor** – Tudo o que fazeis é um dever, mesmo que seja um crime. Tudo o que eu faço é um crime, mesmo que seja um dever.

**D. João** – Todo este tempo, para executar uma vingança?

**D. Leonor** – Não é preciso, a vossa sombra está a apagar-se.

**D. João** – É disso que estais à espera?

**D. Leonor** – Do jovem belo e galante, o que é que resta?

**D. João** – É disso que estais à espera – dizei!

**D. Leonor** – Olhai para vós, um cepo caduco prestes a desmembrar-se. Sou jovem, os horóscopos dão-me cem anos de vida. Não preciso agir, basta-me esperar.

**D. João** - Vós tendes coragem ...? Tanto ódio! Tanto rancor! (*É mais o desespero mas com uma tremenda bofetada atira a rainha ao chão*)

**D. Leonor** - Vós atreveis-vos! Vós atreveis-vos!

**D. João** - Tanta falsidade à minha volta! Não foi isto que eu semeiei.

**D. Leonor** - (*Rasteja e uiva de raiva. Levanta-se de um salto, toma a espada do rei sobre uma cadeira. Empunha a espada com ambas mãos e desfere um golpe capaz de degolar o marido. O monarca mal tem tempo de se desviar. Com o ímpeto do golpe, a frágil mulher é lançada ao chão, sempre com a espada bem segura nas mãos.*)

**D. João** - (*Vai junto da mulher e fica a olhá-la com infinita mágoa.*) O ódio eu posso suportar. Não a traição. Ai de vós se ousais tocar num só cabelo dessa criança. É meu filho! É o meu sangue! D. Jorge será o próximo rei de Portugal.